

Escola e empresários em noivado

Os debates e celebrações da década de 60, se, então, provieram a apresentação oficial do Clube de Empresários das Pequenas e Médias Empresas, feita no passado dia 23 de Novembro, «intramuros» do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISC-TE), em Lisboa, tornam, por certo, esconjurado tal acontecimento, por significar autêntica heresia ao dogma da autonomia universitária.

Mas, hoje, os tempos são outros, e a promessa de casamento entre a Universidade e a Fábrica é facto consumado, e é mesmo atingia já o noivado, após a realização de um curso, que mereceu a participação de cem empresas de todas as regiões, excepto de Bragança e Guarda. A aliança está assumida e o clube é uma entidade jurídica desde o dia 23 de Maio deste ano.

Antes, Escola e Fábrica queriam surgir mais lentamente, mais lentamente, mais lentamente nos seus tempos, se assim podemos dizer.

Os tempos passaram comilhar para o rio do universo e, neste espírito, a Fábrica-Empresa mora na Escola e esta empresa, em base de uma perfeita simbiose.

Essa, pelo menos, constitui o objetivo do Clube: que, entre os dias 23 e 24 de Novembro, organizou no ISCTE um ciclo de conferências para reflectir a importância das PME's no desenvolvimento económico, social e cultural do País, cedendo esse espaço por uma mostra de produção em plena actualidade e unidade pelas

empresas aderentes.

Assim se procura suprir o projecto de Gestão Estratégica Aplicada, apoiado pelo Fundo Social Europeu, e promovido o empenhamento do ISCTE com o seu Gabinete de Estudos de Gestão, a Associação de Estudantes do Instituto e o Clube de Empresários das PME's.

A anatomia e o carneiro

Alfredo Pereira, decano do ISCTE, é o grande animador deste projecto bem como da formação do Clube de Empresários, procurando-se, no futuro, tomar raízes em toda a estrutura empresarial, onde se luta pela criatividade como mo-

ta. Desta forma, aposta na investigação, desprezando o conhecimento livreiro, ou o acrobático da década de 60 e anteriores, já, então, bastante embebido numa conta onde as palavras de Luis António Verney, em «O Verdadeiro Método de Estudos», em 1746,



ainda continuam a ser modernidade em várias áreas de saber, quando consideramos, assim, a sua época: «Na Universidade, ainda que haja uma cadeira de Anatomia, não tem carácter, pois só duas vezes por ano fazem a tal anatomia em um carneiro, cujas partes se mostram ao estudo (...) Querem saber anatomia do homem pela do carneiro é coisa nova». Ora é isto ainda o esquecimento que poderia servir ao aluno, que docentes e empresários lutam na área empresarial e da gestão, concretamente.

A Escola tem de dar à rua de mão dupla, e beber a água vivificante das fontes próximas, mas se desviar da Comunidade com a sua Cultura e especificidade próprias como ciência e outro pelo que se inicia, e que tem por líder o empresário do Clube, Sérgio de Oliveira, seu vice-presidente.

Não ao «magister dixit»

Mas, voltando ao discurso de Alfredo Pereira, sublinhemos que ele, sem complexos, reconhece que, em Portugal, começamos a partir de agora, aplicando os modelos académicos na área da gestão empresarial, revertidos nas obras internacionais — o tal saber livre.

Dia

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

Empresas - rel. e/Universidade
ISCTE

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

ENSINO SUPERIOR/RELAÇÕES INTERGRUPAIS



Centro do PME utilizando computadores.
Formação académica e profissional de técnicos e

co, dominado da «ecologia» social do País e das regiões.

Dito de outra forma, a gestão — segundo ele — não deve ser um deslize de um modelo, exógeno a determinada realidade social. Por isso, trouxe os empresários à escola, deixando-os, também, fazer, daqui para o futuro, «ex cathedra», o que representa, à partida, o fim da regra do «magister dixit». Prontamente, urge adoptar uma «praxis» interactiva em relação a todos os agentes económicos, num diálogo perfeito e sem complexos, entre o conceito categorial da Escola e a «praxis» do pragmatismo empresarial, em completa sintonia. É que ambas as experiências devem interagir-se em circuito fechado e ininterrupto, nos «feed-backs» dos «outputs», dimensionados do sistema e que o retroalimentam, gerando novos inputs, sob a forma de apoios ou exigências do meio ecológico, circundante ao patamar institucional, dotado de um mecanismo autorregulador da sobrecarga, do «stress».

A luz das catacumbas

A arquitectura social funciona, assim, integradamente, ao estilo cibernetico, precisa Alfredo Pereira numa sala instalada na cave do ISCTE, onde,

exactamente, nasceu a ideia do Clube dos Empresários das Pequenas e Médias Empresas. E mostrou-se expectação de que «das catacumbas» nasça também a luz». E eis a surgir, «se a Escola e os Em «resários derem as mãos», pois «da escuridão também podem surgir grandes coisas».

«Todos temos de continuar a aprendizagem», — diz, frisando a concetualidade de aprendizagem de conhecimentos para desenvolver a investigação de uma gestão tipicamente portuguesa, a cargo de gestores e empresários. Mas, tal objectivo não constitui «caso de reserva» do investigador. Impõe-se, nas palavras de Alfredo Pereira, «juntar o pragmatismo do rigor empresarial, ao cimento dos princípios científicos, que permitem a percepção do problema real».

É que — para o pai do Clube dos Empresários — «não há regras predefinidas, porque cada empresa é um caso». E ao ritmo alucinante do fim do tempo pós-industrial, não há segundo a perder, porque — para usar o pensamento de Alvin Toffler — «o analfabeta de amanhã não será o homem que não sabe ler, mas quem não aprendeu a aprender». A formação continua é a saída, pois, ainda segundo Toffler, «a chamada 'mola-vida' de um empresário é apenas de dez anos — ou seja metade de tudo quanto ele aprendeu fica ultrapassada numa década».

O novo organograma

Aquele, no entanto, parece ser o espírito do Clube, que dá os seus passos há um ano, sem, todavia, pretender assumir como movimento de pressão política na área económica. No entanto, não recusa a influência, que procura imprimir à investigação científica, em torno da gestão estratégica aplicada.

O curso ministrado, inscreve-se numa questão de relevância, procurando-se, agora, potenciar as suas virtualidades, reflectidas nos dados e informações recolhidas de cada uma das empresas.

De qualquer modo, uma conclusão de fundo é segura: a de que é preciso rejeitar os organogramas tradicionais, onde

o grau funcional parte do topo para a base. O modelo organizacional do sítio XXI deve ser reafirmado, integrado como um circuito informático, sinérgico, onde os fluxos de «teoria» não prescindem dos de «empiria», como reflete e publica em estudo Alfredo Pereira.

Estratégias de risco

O empresário, Sérgio Oliveira, por seu turno, manifestou o propósito de não deixar imobilizado o capital investido nestas seis empresas de curso. Este não foi o seu único, mas reconheceu o seu lado positivo, tendo apresentado, como indicador de uma conclusão, o facto de, ali, em plena escola, decorrer uma mostra de produtos, oriundos das linhas das PME's.

A manutenção e reforço das relações entre a Universidade e a Empresa são fundamentais, porque «a Escola tem de estar à frente, adoptando as estratégias de risco». Daqui, resulta uma articulação das ideias e sonhos investigadores com os muito pragmáticos e esboçados empresários.

A última palavra dedicou-a ao reconhecimento da posição relevante, assumida pelos empresários portugueses, que não podem ser esprelhados, tanto mais que — apesar de terem conhecimentos limitados — conseguem manter o actual nível de emprego, pois a eles pertence o maior peso específico na estrutura do emprego nacional.

Eles mereceriam ver erigida uma estátua evocativa do seu labor e contributo dados à sociedade.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Empresas - rel. e/ Universidade
ISCTE